

I - DOCTRINA

PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS E BASE DA GEOPOLÍTICA DA AMÉRICA DO SUL E CUBA

(Continuação do número anterior)

2. A GEOPOLÍTICA E A SITUAÇÃO ATUAL DO PODER NO MUNDO

Tenente-Coronel JOHN E. KIEFFER (*)
(Traduzido do "Boletim del Ejército (Cuba),
de Jul 54, por A. de A. Lima)

Faz pouco mais de 50 anos, em janeiro de 1904, para sermos mais precisos, que um obscuro geógrafo inglês, Halford John Mackinder, apresentou-se perante a Real Sociedade de Geografia de Londres e deu publicidade ao que denominou Eixo Geográfico. Seu vulto e reputação foram crescendo daí por diante até que apresentou o famoso mapa ao qual intitulou — *The Natural Seats of Power* (Fontes naturais de poder), e até que chegou a ser um dos mais conhecidos de nosso tempo, e suas teorias acabassem invadindo o cenário internacional com um êxito nunca visto até então e jamais igualado por qualquer outro autor.

Querer escrever ou dissertar sobre Geopolítica excluindo e desconhecendo as teorias de Mackinder, seria simplesmente absurdo, porque promanam delas muitos dos nossos conceitos mais modernos. Elas representam para os geopolíticos a linha fronteiriça no caminho que vai do pensamento filosófico ao mundo das duras realidades.

As teorias de Mackinder têm várias interpretações ou ensaios formulados com intervalos de vários anos. A teoria sobre o Eixo Geográfico da História foi concebida em 1904, e transformou-se na teoria do Coração Estratégico em 1919. Enriqueceu e ampliou esta última hipótese até torná-la a mais popular de suas teorias, quando ele morreu em 1947.

Mackinder imaginou o mundo formado de três partes principais, a saber: uma delas servia de eixo ao complexo e era inteiramente terrestre e continental; uma *zona interior, parcialmente oceânica*; uma *zona exterior* e totalmente *oceânica*. Essas denominações ainda são conservadas, mas já variaram um pouco de significação.

A região Eixo ou Coração Estratégico (Heartland) estende-se aproximadamente dos Himalaias até o Ártico, e do langtze Kiang até os Urais. É invulnerável a um ataque por mar, e quase impossível de ser

(*) O Tenente-Coronel JOHN E. KIEFFER comandou um Batalhão de Infantaria na 2ª Guerra Mundial. É cientista, político, geopolítico, conferencista e autor de diversos livros destacando-se "Strategy for Survival" e "Realities of World Power". Serve desde 1951 na Força Aérea dos EE.UU.

invadida por terra. Sua extensão desmesurada constitui um alvo excessivamente amplo e duvidoso ao ataque aéreo. Envolvendo o Coração Estratégico, encontramos: a zona interior, ou perimétrica, exposta aos ataques desencadeados de qualquer ponto, principalmente aos que vierem da região Eixo; a zona exterior ou insular que, para sofrer uma agressão precedente do Heartland, é preciso que se atravesse o mar.

As teorias de Mackinder repousam em dois pontos básicos: o conceito do Espaço Fechado, e o da Região Eixo. Ao delinear seu primeiro conceito, Mackinder supôs que enfrentamos um sistema político isolado, não obstante seu caráter global. Resultava disso que qualquer explosão de forças políticas ou sociais irradiar-se-ia para todas as regiões, destruindo os elementos fracos nos âmbitos político e econômico, e produzindo a queda de certos Estados. Segundo Mackinder, a Região Eixo exercerá uma pressão constante sobre o resto do mundo. Tal como fizeram os Bárbaros, partindo das estepes russas, as novas forças projetar-se-ão de dentro para fora, atingindo e envolvendo o mundo inteiro.

As conseqüências dessas duas hipóteses, no caso da sorte política ser propícia, estremeceriam os próprios alicerces da estrutura política mundial. Ele previu que uma pequena alteração no equilíbrio de poder, em benefício do Estado Eixo, poderia resultar na expansão do dito Estado, até abranger a Ásia, a Europa Central, a Oriental, e a Ocidental. Tal vitória converteria a esse Estado em senhor do mundo, porque pôr-lhe-ia nas mãos o domínio ou controle de vastos recursos naturais, industriais e de mão-de-obra de primeiríssima qualidade. Mackinder previu que o Estado Eixo poderia procurar uma aliança com a Alemanha como um recurso para conseguir os resultados que citamos. Com efeito, é precisamente isso o que ele quer dizer através de toda esta análise, nas suas três famosas, e freqüentemente tão mal interpretadas proposições seguintes:

Quem domina a Europa Oriental tem soberania sobre o Coração Estratégico ou "Heartland";

Quem domina o Coração Estratégico ou "Heartland" domina a ilha mundial;

Quem domina a ilha mundial, governa o mundo.

Em 1919, quando essa profecia foi dada a conhecer pela segunda vez, todos a desdenharam com exceção da Alemanha que reconheceu a significação quase vital da análise de Mackinder. Embora não seja justo declarar-se que foi do reconhecimento dessa significação que surgiu a segunda guerra mundial, torna-se contudo evidente ao geopolítico que a teoria sobre a autarquia ou auto-suficiência nacional, o conceito "Lebensraum" ou o direito que tem uma potência de incorporar pela força ao seu território qualquer outro que lhe permita alcançar a autarquia, e o conceito do pan-regionalismo, todos têm suas raízes na teoria de Mackinder. Poderíamos ir ainda mais longe a afirmar que os atuais planos comunistas têm indubitavelmente sofrido alterações que se calcam na doutrina de Mackinder.

A última parte da teoria de Mackinder tem ainda maior significação porque, em princípios da década de 40, profetizou a situação atual e o grupamento das potências com uma clarividência espantosa. Já anunciava para 1943 o surgir da Rússia como a maior potência do globo. Embora admitisse que os acontecimentos mundiais houvessem alterado o conceito do "Heartland" ou coração estratégico, de forma tal que não era mais possível colocá-lo no mapa de acordo com a definição. Mackinder entretanto reiterava sua vigência ou valor como a base para o planejamento estratégico, classificando-o de "mais válido e útil hoje do que em qualquer outro tempo". Ele anteviu que as terras da Rússia equivaliam ao coração estratégico ou "Heartland", com a diferença apenas do maior fortalecimento atual da Rússia para Leste em conseqüência dos

territórios drenados pelo Rio Lena. Ele prognosticou a necessidade da Comunidade do Atlântico, o desenvolvimento das potencialidades da América do Sul e da África, e os problemas da China e da Índia. Foi ainda mais além e definiu o eixo de potências estendendo-se do Rio Missouri, nos Estados Unidos, ao Rio Tenessei, na Sibéria, e distribuiu de acordo com o eixo as missões sob a forma de aliança vital. Deu à América do Norte a missão da defesa em profundidade; deu à Grã-Bretanha o papel de base avançada (Malta e o Atlântico), e à França distribuiu-lhe a incumbência não invejável de servir de cabeça de praia. Como sempre, souo um oportuno toque de clarim de aviso, chamando o Coração Estratégico ou "Heartland" de maior fortaleza, atendido por guarnição suficiente em quantidade e qualidade para cumprir a tarefa que a região lhe impôs. A crise mundial de hoje permite fazer-se um uso excelente da doutrina de Mackinder, e seríamos felizes se as democracias fossem bastante clarividentes para se aproveitarem desta teoria, antes que nosso inimigo provável venha a amoldá-la aos seus caprichos. Há uma saída, julgamos, entre o raciocínio profético e sua aplicação prática à dura realidade de hoje. Ainda há espaço para muita investigação e muita reflexão. Precisamente por ser necessário plasmar as teorias de Mackinder de um modo prático e de pura realidade, tem sido grande nossa preocupação para achar uma solução para o caso. Meus estudos e pesquisas culminaram numa teoria ou conceito que chegou a ser conhecido como postulado da faixa de poder. Embora ele não seja proclamado como uma solução para todos os casos, sua adoção e uso vêm-se generalizando de forma a assegurar que prevalecerá, até que surja alguma solução melhor.

Essa outra teoria, da mesma forma que a do "Heartland", baseia-se na hipótese dos espaços fechados e, reconhecendo a tese do Estado Eixo, procura ao mesmo tempo considerar atentamente a posição relativa dos Estados em função do poder relativo daquele eixo e seu emprêgo por uma aliança de potências, segundo uma relação dada de circunstâncias. Para designarmos o papel real de um Estado, sua posição deve ser encarada de dois pontos de vista, isto é, da posição de seu inimigo potencial ou real, e da do seu aliado ou amigo potencial. Também é possível determinar-se a posição relativa de, terceira potências aliadas a qualquer dos dois lados.

O conceito da faixa de poder parte da suposição que a potência mundial está atualmente concentrada numa área de conflito que se estende em volta do mundo e entre os paralelos de 10 e 60 de latitude norte. Podemos observar num mapa que a faixa envolve os Estados Unidos, a Europa Central e Ocidental, os Bálcãs, os Satélites, e os centros de população asiática. Os maiores depósitos de matérias-primas naturais, estratégicas e críticas, acham-se concentrados (nem todos, mas quase todos) dentro dela. Quase toda a população do mundo vive nela. Ela abrange todos os grandes centros industriais, com exceção dos australianos, sul-americanos e suecos, sendo também indiscutível que toda a pujança dos poderes mundiais jaz dentro daqueles limites.

Devido ao sistema político fechado dos grupos internacionais, todos os que vivem dentro desta faixa de poder estão sujeitos a qualquer mudança de governo, e aos desequilíbrios ou conflitos que porventura ocorram entre dois ou mais Estados situados na faixa. Quando considerarmos a situação atual de interdependência econômica, a necessidade do tráfego comercial, a distribuição dos recursos e a rapidez das comunicações, é evidente que nenhuma nação, que esteja dentro da faixa de poder, pode permanecer isolada em suas atividades. Podemos até parafrasear o que disse Lyantey para definir o Islã, declarando que a faixa de poder é como um tambor, bastando-lhe um ligeiro rufo sobre um ponto, para que o instrumento todo ressoe.

O nosso sistema e a nossa independência tendem a arrastar as pequenas nações para a órbita das grandes potências. O isolamento e a neutralidade dentro da faixa de poder são coisas do passado, pois é ine-

vitável aos pequenos Estados buscarem com o mais forte a proteção, a ajuda financeira e as vantagens que lhes garantam a aliança. Isso não significa necessariamente bipopularidade, pois há possibilidade de existência simultânea de grande variedade de combinações. Entretanto as forças destrutivas da segunda guerra mundial, secundadas pelas táticas políticas de oportunismo dos Comunistas, têm provocado presentemente duas grandes esferas de poder, e ainda um terceiro grupo de países, vacilantes na corda bamba, terá que optar pelo partido Leste ou de Oeste. Quando examinamos a situação do poder relativo das grandes potências, torna-se claro que o deslocamento daquele terceiro grupo para Leste ou Oeste é inevitável. Contudo devemos dizer que cada um dos Estados desse grupo das áreas marginais é possuidor de alguma característica sedutora, quer sob a forma de recursos ou posição estratégica, quer potencial bélica, que os torna desejáveis e até essenciais para qualquer um dos campos de forças antagônicas.

Uma tal situação faz com que qualquer conflito torne-se forçosamente global, se não em alcance pelo menos em preocupação, e que incidentes iguais ao da Coreia e da Indo-China, que poderiam ter sido isolados ou circunscritos no século passado, agora se convertam em preocupação mundial em consequência de interesses e planejamentos. O equilíbrio de poder dentro da faixa é tão delicado que a perda da influência de uma das duas órbitas de potência em qualquer região pouco distinta de conflito, poderá significar também a queda final da potência maior. Por isso, o planejamento deve ser hoje global em caráter e centralizar idéias. Os velhos conceitos de fronteiras, de estados tampões e esferas de interesse evoluíram, e as linhas de defesa fixam-se agora a milhas de distância de nossas fronteiras nacionais.

Mas, que sucederá às Nações que jazem fora da faixa de poder? Que destino terão elas? Eu tive um comandante que costumava dizer com muita sabedoria que não existe o que denominamos uma *mulher má*, mas que apenas umas são melhores que as outras. Podemos aplicar esse mesmo raciocínio aos Estados que se acham fora da faixa de poder. Não existe uma só nesga de território no mundo que possa ser classificada como inútil ou falta de completa importância. O que varia é seu valor relativo em função de importância.

Embora muitos Estados fora da faixa do poder não possam ser classificados como de importância primordial com relação ao poder combatente, contudo todos eles possuem, por capricho da natureza, algum recurso ou posição estratégica vital que resultam em fator principal ou secundário para as grandes potências. Esse fato assegura sua inclusão, voluntária ou não, nas lutas de poder dentro da faixa. E isso é claríssimo, quando cogitamos do estanho da Malásia, do petróleo da Indonésia, do parque industrial da Austrália e dos vastos recursos potenciais ainda virgens da América do Sul. Acreditávamos antigamente que o grau de segurança variava na razão direta da distância da região da luta, mas hoje achamo-nos diante da conclusão inevitável de que não há região remota, bastante escondida, nem suficientemente segura na superfície da terra.

Se aplicarmos esse conceito aos problemas hodiernos, encontraremos algumas dificuldades na semântica da terminologia, mas, se nos lembrarmos dos dois pontos de vista — o do inimigo e do nosso — tudo mais se esclarece. Guardando-os na memória, podemos examinar a faixa do poder conforme a vê a União Soviética, ou segundo é ela apreciada pelos Estados Unidos. A visão russa do mundo é um quadro complexo, parcialmente geográfico, parcialmente ideológico por natureza. A União Soviética possui na realidade a grande vantagem do espaço, e as considerações sobre o espaço destacam-se grandemente em seus cálculos econômicos, políticos e de planejamento. Esse espaço influiu com êxito no resultado das inversões anteriores e, embora a guerra no ar tenha dado nova significação aos espaços periféricos e à profundidade, a Rússia co-

nhece muito bem a importância das regiões que domina. As ações de após-guerra indicam claramente que sua visão a respeito do mundo é agressiva e está dominada pelos princípios do ataque e da defensiva. Sua ciência geopolítica está muito bem aparelhada para lidar naquele ponto de vista. O centro do mundo russo consiste de um coração terrestre cuja área é comparável ao Coração estratégico ou "Heartland". Sua invulnerabilidade aos ataques terrestres e marítimos mostra seu valor como fortaleza e como uma região de reserva do potencial bélico. As grandes distâncias favorecem as operações porque aumentam o espaço sobre que deverão voar os bombardeiros inimigos sob o fogo antiaéreo, e os ataques aéreos antes do inimigo alcançar as áreas vitais. Por esse motivo a prioridade de defesa está com esta central região terrestre. Em consequência, ela é o cenário de um aumento intensivo na indústria, de armazenamento e de concentrações. Embora o maior perigo esteja num ataque aéreo a essas regiões, a Rússia poderá resistir, se mantiver o indiscutível controle dessa terra central.

Dentro das fronteiras soviéticas, mas fora daquela região central, estende-se o espaço periférico, grandemente vulnerável e onde encontramos um elemento de debilidade extrema. Esta área, de pouca importância relativa a Leste, transforma-se num valor vital nas fronteiras ocidentais, pois é nela onde fica a capital do país, e as raízes da civilização européia. Está aberta aos ataques por terra e por mar, vindos do Oeste, e suas características são tais que um ataque por terra pode conseguir avanços consideráveis antes de se empreender uma resistência eficaz.

Esta vulnerabilidade torna a região insegura para sede de suas maiores concentrações industriais e, apesar da localização de seus múltiplos centros de matéria-prima na periferia, já eles têm sido mudados para a região mais segura no Volga e nos Urais. É lógico que isso exige o preparo de novas áreas de recurso, além das facilidades de transporte, e a mudança da população em grau correspondente.

A periferia do Extremo Oriente carece de significação no esforço defensivo, mas a Manchúria e a China Vermelha continuam protegendo a região meridional. Os portos vulneráveis que lá se encontram podem ser protegidos, e as bases aéreas de Kamchatka e o território do Lena podem servir para a hostilização do Alasca. Quanto ao valor dos portos, eles poderão ser utilizados para sede de bases aéreas.

Em seguida ao espaço periférico ficam os chamados espaços tampões ou amortecedores, servindo de zonas de proteção. No ocidente, este espaço é ocupado pelos chamados Satélites Europeus, e a Leste pela Manchúria e a Índia. Esta zona tem um duplo fim: serve de zona defensiva para o espaço periférico, e de fonte adicional de produção para toda a Rússia. A vulnerabilidade dessas áreas aos ataques aéreos torna-lhes problemática a produção de guerra, principalmente se considerarmos que elas representarão as regiões do primeiro sacrifício, se a ocasião assim o exigir. Não obstante, a produção dos fatores tais como as usinas checas de Skoda, Manfred-Weiss, da Hungria, e Resistza, da Romênia, mais os vitais poços petrolíferos romenos, representam uma contribuição significativa para o poderio russo. O papel industrial, que os espaços coxins ou amortecedores terão que desempenhar, estará dependendo do tempo que os Sovietes levarão para explorar aquelas nações antes do rompimento das hostilidades entre o Oriente e o Ocidente. Deveremos supor que a produção total durante esse período será a máxima. A perícia com que a Rússia terá que se defender contra a habilidade ocidental em calcular ou destruir, determinará seu valor na guerra.

O espaço de contato é uma área um tanto flácida que penetra irregularmente na zona dos alvos principais e do espaço tampão. Sob o ponto de vista Soviético, esse espaço de contato é de grande perigo e

vulnerabilidade. A Alemanha e o Japão possuem ambos um forte potencial industrial que pode agir com tempo e oportunidade, e então numa proximidade indispensável para poderem atacar em qualquer direção. Se a Rússia pudesse controlar essas áreas, estaria senhora de um auxílio poderoso para a defesa e a ofensiva. Em mãos de seus inimigos, ou nas de qualquer outra nação, elas representarão sempre uma ameaça para os planos soviéticos.

O domínio russo na Mandchúria e na Alemanha Oriental é compensado em parte pela poderosa zona de influência norte-americana na Alemanha Ocidental e no Japão.

A proximidade é para os Russos uma vantagem na Alemanha Oriental e na Mandchúria, enquanto outras bases limítrofes proporcionam-lhes recursos adequados para uma invasão do Japão.

Sem embargo, a União Soviética considera o espaço de contato como áreas possíveis de partida para ataques contra suas fronteiras, sendo esse o conceito que prevalece, mais que o de seu uso possível.

A Rússia encara duas zonas de alvos essenciais, que classificaremos respectivamente como primária e secundária, e que incluem a Alemanha Ocidental, a Áustria, a Grécia, a Turquia, a margem oriental do norte da África, o Oriente Médio e o Paquistão. Todos esses Estados são inimigos potenciais da Rússia. Oito áreas bem doutrinadas e com a ameaça de sua agressão, mas que representam para a Rússia regiões que podem servir de base para um ataque direto a seu território. Poderão ser lançados delas ataques aéreos contra as zonas críticas. Ainda mais: elas representam áreas onde o progresso russo tem sido embargado, e bloqueada sua campanha de propaganda. Em seu programa para o triunfo, a zona de objetivos principais deverá ser conquistada, destruída ou submetida a seu controle antes de chegar aos objetivos secundários.

A zona secundária pode ser considerada como o passo prévio para o ataque direto à zona de objetivos finais, e fica suficientemente afastada do contato direto com a Rússia. Esta zona básica é mais suscetível à propaganda que a anterior. Encontramos também nela muitos casos de opressão do tipo colonial e áreas cujo potencial pode ser anulado mediante guerrilhas e pressão comunista interna. As nações situadas nesta faixa são vitais para o triunfo das democracias e, por isso mesmo, de capital importância para a Rússia. Ela representa o próprio coração do baluarte Ocidental contra o Comunismo.

As separadas representam a zona de objetivos secundários, quando a propaganda, as greves e as desordens internas constituem as armas russas. A Rússia não alimenta esperanças de poder invadir com êxito nenhuma dessas áreas, excetuando-se apenas a Índia. Por outro lado, se a zona de objetivos finais capitulasse, então a rendição da zona secundária seria automática. Estas áreas essenciais representam o prêmio da vitória para a Rússia.

Temos finalmente a zona de objetivos finais com sede na América do Norte. A União Soviética não conta ter aqui esperanças de uma conquista decisiva por ataque inicial, e muito menos mediante uma guerra intestina. Daí ela ter que se conformar com táticas de provocação e vitórias diplomáticas, até que possa submeter as regiões destinadas ao primeiro ataque.

No campo oposto ao russo está a concentração das democracias como uma versão diferente da função das áreas. Ao centro desta vasta estrutura defensiva encontram-se os Estados Unidos como terra central (Coreland) que exerce a função de arsenal da democracia. No caso de uma guerra em que os centros da produção européia estejam ameaçados de destruição certa, os norte-americanos converter-se-ão em centros de importância vital, e o país terá para missão principal defensiva a proteção do arsenal no interesse do mundo livre. A função do arsenal consistirá em assegurar o êxito militar das democracias, fornecendo-lhes nas

ocasiões críticas todos os elementos necessários ao esforço militar, não somente no que se relaciona com o equipamento militar, mas também com o conforto moral e espiritual.

Partindo-se dêsse ponto central para o Oriente, encontramos o nóculo ou faixa interior, que representa a linha final da defesa extra-continental do arsenal das democracias e indica o fator da linha de segurança. Se quisermos preservar o arsenal, não deveremos admitir nenhum inimigo dentro desta faixa. Ainda mais para Leste, deparamos com o "crescente" (forma de meia lua) defensivo exterior do Ocidente, que deveremos considerar como a região onde se deverá deter definitivamente o inimigo, se quisermos salvar o fator da linha de segurança. Dentro do crescente, cada área representa um papel especial. A Inglaterra e a África do Norte serão áreas de concentração; a França servirá de cabeça de praia; a Espanha será o final baluarte defensivo e a porta de retirada; os Países-Baixos aparecem como Estados flanqueadores ou de ancoragem. A África do Norte caberá o papel de espaço defensivo final.

Existe uma situação semelhante no Extremo Oriente. O Japão e as regiões insulares do Pacífico Ocidental constituem o "crescente" defensivo exterior do Oriente, onde o território do Alasca e o Havai atuam como "crescente" defensivo interior no Oriente. O Japão, as Filipinas e a Nova Zelândia servem de áreas de concentração, e a Formosa e a Nova Guiné serão usadas como bases avançadas. Não está perfeitamente definida, em nenhuma dessas áreas, a cabeça de praia, nem o baluarte defensivo e a rota de retirada. Nossa rota mais próxima será o espaço secundário da Austrália.

Cada "crescente" exterior tem por fim servir de zona de ação mais ofensiva que defensiva, pois que delas podemos planejar ataques por terra e ar, efetuar treinamentos e concentrar forças de reserva.

Inicialmente, essas zonas ainda serão os centros de produção para nosso potencial de guerra. O espaço de contato é mais ou menos semelhante ao dos soviéticos, porém um pouco maior e de aspecto mais recurvado. Este espaço pode servir para campo de batalha em ações terrestres, e para zona defensiva dos "crescentes" adjacentes. É a zona mais crítica para a democracia, porque é nela que devemos resistir inicialmente contra uma agressão russa e feita em massa.

Devemos notar que as democracias não possuem nenhuma área que se possa chamar precisamente de espaço tampão ou amortecedor, comparável à possuída pelos Sovietes. O sistema de aliança segundo a qual pautamos nossas operações não nos permite escolher arbitrariamente uma área para ser sacrificada intencionalmente até sua completa destruição. Nossa filosofia militar exclui o caso do aliado secundário ou subordinado, e nos impõe a obrigação de esforçarmo-nos para salvaguardar os interesses de todos os participantes de uma aliança. Resulta disso o fato de todos os nossos contatos com as forças comunistas serem contatos diretos nos quais temos que afrontar desassombadamente a ameaça.

As zonas de objetivos primários figuram no nosso quadro como zonas defensivas, pois que não cogitamos de ações militares agressivas. A zona primária abrange certas áreas críticas, tais como a área chave do Sueste Asiático, com a Indo-China, os caminhos de acesso ao Oriente Médio, e o estratégico Mediterrâneo Oriental. Esta última área é de importância capital porque guarda o vital cordão umbilical britânico — os estreitos de Trácia ao Canal de Suez. Além disso, devemos recordar que nenhum ataque feito na direção Leste Oeste saiu triunfante contra a Europa, sem que o agressor estivesse de posse daquela área bastante significativa.

A zona secundária compreende estados objetivos que devem indubitavelmente perder-se, no caso de não podermos defender com êxito as áreas da Fase 1. Significamos por defesa neste caso não só a ação

defensiva contra ataques militares, feitos de viseira erguida, mas também contra distúrbios internos, guerras civis projetadas para o estabelecimento de governos comunistas na área, guerra psicológica dos quintacolonistas. Devemos notar que em muitos casos os países das zonas primárias possuem vitais recursos naturais, ou instalações de produção essencial tanto para as democracias como para a União Soviética. As zonas da Fase 1, por outro lado, têm quase todos os pontos estratégicos e críticos que conduzem às áreas vitais.

O espaço vital é idêntico tanto para as Democracias como para os Comunistas. A vantagem contudo está com as Democracias, pois, logo que elas hajam transposto essa zona, a Rússia será forçada a retirar-se para Leste o mais que puder, ao passo que as Democracias precisam apenas uma pequena distância para alcançarem uma zona de rios onde possam estabelecer uma linha de defesa.

O "Heartland" russo ou zona de objetivos finais já foi mencionado anteriormente, sendo também descritas suas qualidades. Basta dizermos que sua posição naquela área ficará condicionada somente à habilidade de poder o governo manter o controle político. Se ele se retirar para o "Heartland", a guerra terá um fim lento, pois é duvidoso que qualquer união tenha então a força necessária para derrotar a Rússia. Por outro lado, a retirada para o "Heartland" daria por terminada sua ameaça à paz mundial, e causaria sua eliminação do rol das grandes potências. Abrigada em sua fortaleza natural e impenetrável, a Rússia ficará isolada.

Consideramos o resto do mundo como espaço secundário somente por não ser provável que se transforme no cenário de um conflito direto. No caso de um país ser arrastado para a guerra, em virtude de seus recursos ou proximidade, contudo seu território permanecerá fora do perigo de qualquer agressão. É importante, porém, que tratemos ao menos de uma dessas zonas numa conferência posterior.

Falando sob o ponto de vista técnico da geopolítica, a vantagem está com as democracias. É só em aparência que a Rússia e os Satélites possuem as maiores vantagens contra um ataque vindo do Oeste. Um exame mais detido demonstrará que isso é verdade. A única terra de proteção que existe entre a União Soviética e o Ocidente é o espaço coxim formado pelos satélites. Uma vez atravessada essa faixa, o espaço vulnerável converte-se numa desvantagem para os Comunistas, e o Kremlin enfrentará a perda de seu potencial humano, e do material que o sustenta, ou terá que se retirar para seu "Festung Heartland", e, ainda mais, suportar uma guerra de 10 a 20 anos ou mais. Uma vez engarrada no "Heartland", a Rússia ficará numa posição militar relativamente segura, mas estará ao mesmo tempo prisioneira do mundo. Nós não poderemos entrar... porém ela não poderá sair da ratoeira.

A História tem demonstrado que as guerras travam-se rapidamente naquelas regiões, e que as linhas de resistência aos ataques de Oeste são poucas. Além deste fator geográfico existirá a dependência dos estados escravos para auxílio material. Apesar de todos os seus esforços, força e propaganda, a União Soviética não poderá nunca estar certa de que as dificuldades internas, a sabotagem e a revolução não venham fazer parte da sua sorte no espaço tampão durante a guerra.

As democracias, por seu turno, possuem a vantagem definitiva no campo da Europa Ocidental onde grandes rios, áreas montanhosas e bosques transformam a região numa área apropriada para a defesa contra os ataques vindos de Leste. Não há dúvida que a Rússia compreende muito bem isso, o que é evidente pelo interesse que ela está dando ao seu programa de treinamento do pessoal nas operações de travessias de rios e manobras anfíbias. Se as Democracias tomarem a iniciativa de

atacar as forças soviéticas no espaço coxim, poderão ser ajudadas pelos próprios obstáculos internos que a Rússia teme. A Rússia é também vulnerável aos ataques pelo Mar Negro, mas essa superioridade das Democracias perde um pouco de valor pelo fato da Turquia achar-se igualmente exposta a um ataque por via marítima. O grande poder naval da marinha de superfície das Democracias faz pender o fiel da balança a nosso favor. O desembarque de uma força de assalto, efetuado por pessoal de um submarino é uma operação um tanto difícil, ou até mesmo de realização impossível.

Tomando-se em consideração tôdas essas razões, as Democracias, caso possam conjugar seus esforços de modo eficiente, terão a maior vantagem e a máxima oportunidade para o alcance da vitória que, sob o ponto de vista da posição, dependerá da habilidade das Democracias na produção de uma política de ação firme e coesa, na maior realização presente e potencial, e na direção firme, mas não ditatorial, praticada pelos Estados Unidos com relação à compreensão das intenções e capacidade do inimigo, e da própria exploração das fraquezas econômicas e de espaço da Rússia.

(Continua)

(O presente artigo foi transcrito da "Revista Marítima Brasileira" de novembro e dezembro de 1954. Também foi publicado na "Revista Militar" (Bohiva), ns. 213-214, de 1955, 215-216, de 1955 e 219-222, de 1956.)

* * *

POR QUÊ NÃO TEM A AMÉRICA LATINA UMA POLÍTICA EXTERIOR INDEPENDENTE ?

(TRANSCRIÇÃO DE RESUMO)

— Partimos do postulado do Professor Quincy Wright da Universidade de Chicago: não pode haver política exterior independente sem independência econômica, e não pode haver independência econômica sem industrialização.

— Tôdas as riquezas básicas da América Latina estão dominadas pelo capital estrangeiro, que não apenas controla sua exploração mas a sua exportação. Exemplo dos principais países e, em particular, evidência para o caso da Venezuela, país ocupado pela "Creole Petroleum" (Standard), "Mene Grande" (grupo Mellon) e a U.S. Steel que destruiu a indústria siderúrgica nacional. O defensor desta indústria, Romulo Gallegos, eleito por votação esmagadora foi destruído pelo golpe de 24 de novembro de 1948. O tratado feito pela ditadura militar em 1952

abre as portas à indústria americana e leva à ruína a burguesia industrial da Nação. Conexão dos fatos e importância das instituições livres como defesa da indústria nacional.

— O segundo aspecto, em ligação intrínseca com este, é oferecido pela balança comercial. Permanente necessidade de empréstimos e dependência em face dos Estados Unidos. Crescente “décalage” contra a América Latina entre os produtos industriais acabados e os produtos agrícolas. Exemplo: em 1935, 20 sacas podiam ser trocadas por um “Ford”, hoje são necessárias 200 sacas. Classificação arbitrária de “produtos estratégicos” e “não estratégicos”, retirando os primeiros, em nosso prejuízo, do ciclo mundial da oferta e da procura.

Isto, e outros fenômenos, faz de nós eternos devedores. Votamos na ONU, ou nos organismos internacionais, como devedores. Não é de bom conselho discordar de um credor. Daí a característica satélite de nossa política externa.

— Um terceiro aspecto, também ligado nas fibras íntimas aos dois anteriores, é o caráter de economia agrária e latifundiária dos países da América Latina. O latifúndio impede a criação de um mercado nacional e a acumulação capitalista nacional, e portanto, a formação de uma burguesia nacional. Exemplos dados com os principais países da América Latina de uma situação de feudalismo no campo. O domínio do capital estrangeiro não prejudica os feudais, pelo contrário, estabelece com eles relações fáceis contra a burguesia urbana nacional e o povo em geral, cujo futuro depende do progresso do país, enquanto que o futuro dos feudais e do capital estrangeiro depende da manutenção das estruturas atuais.

Perigos políticos do atraso feudal e da sua conjugação com o capital estrangeiro. Todos os grandes triunfos comunistas não se deram em países industrializados com uma burguesia nacional forte mas em países atrasados, sem reforma agrária e sem uma industrialização em bases nacionais. Exemplos desde o caso russo ao chinês e a vitória comunista no Estado de Querala, o mais atrasado da Índia.

A industrialização, a mentalidade industrialista e a poupança — que exige espírito de sacrifício — enfeixadas e lideradas por um organismo próprio e influenciando, no bom sentido, as decisões do governo, é indispensável à criação de uma verdadeira independência nacional. Da orientação dos organismos com responsabilidade de uma política industrial depende a existência de uma política nacional estável e internacional independente. O problema da política externa não é abstrato nem isolado, é uma parte dos problema nacional.

— Não temos, mas podemos ter, uma política externa independente como parte integrante e como mensagem de nossa independência econômica. À indústria cabe a estruturação das bases e a indicação dos caminhos a seguir, isto é, cabe realizar a nossa independência nacional e elaborar a doutrina da nossa participação nos grandes problemas internacionais.